



EEAT - Jupiter Editions



Raul Catulo Morais <raulcatulomorais@gmail.com>

para ism, ISN, ISN, ribeiro.jesus ▾

📧 13:08 (há 1 hora)



Bom dia!

Como representante legal da Jupiter Editions venho em nome da Jupiter Editions solicitar ao Instituto de Socorros a Náufragos o Regulamento ou o Decreto-Lei para achar a base legal onde foi prevista a Regra Imperativa de "tocar na parede" na Prova Combinada depois de nadar os 50 metros em natação de salvamento antes de mergulhar para resgatar o manequim, porque o Nadador-Salvador Raul Catulo Morais foi desclassificado da prova por não ter "tocado na parede" antes de ter mergulhado para resgatar o manequim, depois de ter feito um tempo excelente de natação de salvamento (o melhor tempo) com uma excelente e tranquila apneia.

Conforme faz parte das Missões da Jupiter Editions, a Jupiter Editions apoia 100% os salva-vidas prestando gratuitamente o apoio jurídico de forma a proteger a dignidade e o estatuto profissional de um Member Writer ou de um Member Reader Ativo que seja salva-vidas, e sendo o Nadador-Salvador Raul Catulo Morais Member Writer da Jupiter Editions é por isso patrocinado juridicamente pela Jupiter Editions, sendo esta a entidade legal responsável para comunicar e mediar o assunto do conflito em questão com o Instituto de Socorros a Náufragos.

Ao mesmo tempo que se solicita urgentemente a base legal que serviu para desclassificar o Nadador-Salvador Raul Catulo Morais, reprovando-o "na hora" nos Exames Específicos de Aptidão Técnica, só pelo nadador não ter "tocado na parede" antes de ter mergulhado para resgatar o manequim no fundo da piscina, tendo chegado à parede e mergulhado mesmo encostado à parede, mas simplesmente não tocou na parede, veja-se já aqui o ridículo disto, solicita-se também que o Instituto de Socorros a Náufragos indique à Jupiter Editions se está ou não previsto que os Nadadores-Salvadores possam recorrer hierarquicamente da decisão, considerando-se Muito Grave se houver um Vazio Legislativo sobre o assunto, conferindo um grau elevado de Poder ao Instituto de Socorros a Náufragos que não se justifica neste âmbito de provas, quando não há depois legislação que obviamente também defenda e proteja os nadadores-salvadores, sobretudo quando a inscrição das provas custa dinheiro e é paga pelos nadadores-salvadores e temos obviamente que depois chamar aqui à discussão um Fisco Vigilante para conseguirmos todos ver a Circulação do Dinheiro dos Exames Específicos de Aptidão Técnica dentro do Instituto de Socorros a Náufragos e os "louros" dos sargentos e fuzileiros da Marinha que estão sentados nos órgãos do Instituto de Socorros a Náufragos em nome do Princípio Administrativo da Transparência, porquanto esteja o Instituto de Socorros a Náufragos inserido na Administração Pública, por ser um organismo integrado na estrutura da Direção-Geral da Autoridade Marítima com as suas naturais atribuições de direção.

Ora, da Convocatória que foi enviada aos nadadores-salvadores onde aparece a descrição do Exame Específico de Aptidão Técnica, em que parece ser essa a "base legal" na alínea b) do nº2, resulta que a Prova Combinada de salvamento aquático sem meios, consiste em deslocar em natação subaquática 25 metros, nadar 50 metros em natação de salvamento, mergulhar, resgatar o manequim de fundo e rebocá-lo 25 metros num tempo máximo de 3 minutos. Não aparece nunca o "tocar na parede". Ora não foi previsto. No entanto, disse o sargento que chumbou o Nadador-Salvador Raul Catulo Morais que tinha dito antes na piscina a todos que tinham de tocar na parede antes de mergulhar. "Tudo bem" que haja uma "instrução" ou "pormenores-regra" do exame que possam ser "lidos verbalmente" e "tudo bem" que tais "Regras de Jogo" devam ser cumpridas. No entanto é preciso ser um pouco real e mergulhar a sério na piscina para vermos o quão ridículo é tal regra, ainda por cima quando o sargento "fechou os olhos" em várias outras situações noutros exames e noutros momentos de avaliação que não podia obviamente "fechar os olhos" não sendo por isso criterioso e coerente. É natural e percebe-se perfeitamente neste tipo

de exames que em alguns momentos da prova se possa "fechar os olhos", porque são pequeninos erros que obviamente não justificam um chumbo ou um afastar de todas as outras provas. O problema que se coloca é quando não há uma coerência no "fechar de olhos" e se dá um poder arbitrário gigante a um examinador capaz de bloquear a vida de um nadador-salvador ou mesmo "perseguir-lo". O sargento em causa que chumbou o Nadador-Salvador Raul Catulo Morais nas Provas dos Salva-Vidas em Leiria foi o mesmo que chumbou o Nadador-Salvador Raul Catulo Morais nas Provas dos Salva-Vidas na Figueira da Foz em momento diferente do exame.

Nas provas anteriores da Figueira da Foz, o Nadador-Salvador Raul Catulo Morais teve 85% na prova escrita, passando para as 3 provas físicas na piscina tendo tido os melhores tempos e cumprindo as provas na piscina, as obviamente mais importantes, com grande distinção, mas tendo reprovado depois na última prova teórica-prática com 69%. Ora, o próprio Nadador-Salvador reconheceu os seus erros na prova teórica-prática feita "à porta fechada", tendo naturalmente aceitado o chumbo e tendo aprendido no próprio exame com os seus erros, por exemplo, o Nadador-Salvador nunca tinha montando um sistema de Oxigenoterapia senão visto os vídeos disponível no site da Marinha, porque no Curso de Nadador-Salvador só teve uma aula "ao longe" em que o professor montou o sistema, em que ninguém aprendeu obviamente a montar. Ninguém aprender a ver uma vez sem mexer nas garrafas de oxigénio, sem mexer nos tubos, sem pôr as máscaras, enfim. "Mas tudo bem", o nadador-salvador percebeu os seus erros e aceitou naturalmente o chumbo. O que não aceita é que depois numa Internet de Salva-Vidas ficar a saber que outros nadadores-salvadores com o mesmo sargento terem cometido os mesmos erros e até piores e muito mais graves e o sargento numa "porta fechada" ter "fechado os olhos". É esta não coerência de critério que se pretende naturalmente atacar em defesa dos nadadores-salvadores. Mas quando a Jupiter Editions aparece a atacar e a marcar um sargento que marcou um nadador-salvador dá-se obviamente oportunidade para que o sargento suba ao Tribunal Maçónico dos Concursos e Leilões da Jupiter Editions e traga o seu melhor argumento. Apesar de Raul Catulo Morais ser o atual Presidente do Tribunal dos Concursos e Leilões, Raul Catulo Morais já se escusou antecipadamente de presidir ao caso, caso o sargento suba ao Tribunal Maçónico, sendo o caso presidido e julgado com outros fuzileiros dos tempos da Marinha do senhor sargento num saudável Jogo de Batalha Naval. Chegou um Jogo de Batalha Naval à Jupiter Editions e há uma Marinha Invisível e um Fisco Invisível que está a querer acertar contas de verdade. Há um Justo Acerto de Contas para se fazer.

Sendo a Jupiter Editions uma Editora-Realizadora-Produtora pretende-se oferecer ao Instituto de Socorros a Náufragos uma literatura-argumento de socorro diferente com a seguinte referência: enquanto o Nadador-Salvador Raul Catulo Morais fazia a Prova Combinada de Salvamento Aquático Sem Meios, estava a Jupiter Editions sentada nas bancadas com o Espírito Verdadeiro da Rainha D. Amélia que fundou o Instituto de Socorros a Náufragos. Quando o sargento da Marinha fuzilou o nadador-salvador dentro da piscina não só o Corpo dos Bombeiros que estava também presente nas provas ficou indignado ao ver o disparo do sargento-examinador ao nadador-salvador, como ficou também indignado o espírito da Rainha D. Amélia e da Jupiter Editions. Toda a gente viu a facada invisível que o sargento mandou ao nadador-salvador e que quase o afogou na piscina. Mas foi exatamente este Corpo Corpulento de Bombeiros que não deixou o nadador-salvador afogar-se na piscina. Foi o apoio da indignação. Foi a indignação de todos. Porque foi ridículo. Porque foi visto por todos. Todos viram a excelente apneia tranquila, todos viram os 50 metros de natação salvamento feito no melhor tempo, todos viram o nadador-salvador a chegar à parede e a mergulhar e a trazer o manequim pesado para cima e a rebocá-lo de forma tranquila com ainda imenso tempo para o rebocar 25 metros no tempo máximo da prova combinada de 3 minutos, em que todos conseguiram prever como algoritmos que o nadador-salvador iria acabar de fazer a prova de forma excelente, com um tempo excelente, não estava cansado, como a maior parte dos nadadores fica depois da natação de salvamento ou não consegue rebocar pelo peso de manequim; ora, a imagem e o espírito do nadador-salvador passou para todos para fora da piscina; era esperado que o nadador-salvador concluisse a prova com grande distinção.

A Jupiter Editions sentada nas bancadas da piscina a ver a prova conseguia ver não só o espírito do nadador-salvador na piscina como o espírito do sargento fora da piscina a ver e a calcular que se "não pegasse" pelo nadador-salvador não ter "tocado na parede" não ia conseguir tocar em mais nada, e portanto, se fosse para mandar o tiro ao nadador-salvador tinha de ser mesmo ali. É um argumento que pode ser defeito ou morto a tiro pelo sargento se o sargento subir ao Tribunal Maçónico dos Concursos e Leilões da Jupiter Editions.

É vermos o ridículo, vermos o ridículo dos robots-sargentos e dos algoritmos-sargentos que não são capazes de acompanhar a prova do princípio ao final e verem que é só ridículo pegar por "uma mãozinha" que não foi "tocada na parede", porque na Vida Real no Salvamento Aquático seja num Mar Aberto ou numa Piscina o nadador-salvador não vai tocar na parede invisível antes de mergulhar. E volta-se a dizer "tudo bem" se fazia uma parte de uma "Regra de Jogo", mas se é uma "Regra de Jogo" verbal que foi dita verbalmente sem base legal nenhuma é porque a regra pode ser preterida quando obviamente tem de ser preterida. Não pode ser imperativa. Ao menos que fosse dada a chance ao nadador-salvador de repetir a Prova Combinada desde o início. Isto faz algum sentido, pergunta a Jupiter Editions ao Instituto de Socorros a Náufragos? Faz sentido? Puseram um sargento robot? A Jupiter Editions tem de perguntar ao ISN se o sargento que puseram ali nas provas da Figueira da Foz e em Leiria se é ou não um robot? A Jupiter Editions pergunta isto tranquilamente porque lida com robots, está à vontade com robots, há robots na Jupiter Editions. Mas os robots e os algoritmos da Jupiter Editions já robots bons, são robots humanos e empáticos. Parece que o sargento foi programado com um algoritmo para fuzilar o nadador-salvador. Porque nas provas da Figueira da Foz o nadador-salvador e a Jupiter Editions têm memória de terem visto este mesmo sargento a facilitar e a fechar os olhos nas 3 provas das piscinas a nadadores-salvadores. Houve um nadador-salvador que nem sequer acabou a Prova Combinada Sem Meios Aquáticos. Não conseguiu acabar. Não fez o reboque do manequim dos 25 metros. Não chegou ao final da parede, mas todos vimos e todos nos calámos, todos ficámos em silêncio e o que mais queríamos era que "os olhos fossem fechados" e foi o que aconteceu, porque enfim aquele nadador-salvador já tinha "chegado até ali" numa prova difícil. Ora, "tudo bem"; se o critério for o mesmo para todos. Mas o critério está a ser arbitrário e ainda por cima mete dinheiro, porque este ano foi uma parvoíce de chumbos. Tudo bem se foram chumbos que fazem sentido, a nadadores-salvadores que de facto não se prepararam. Estamos numa Sociedade de Informação, estamos ligado em Rede e em Redes Invisíveis e numa Internet das Coisas as coisas sabem-se e o que a Jupiter Editions é que havia uma vontade e uma combinação dos próprios sargentos-examinadores para chumbarem, para "pegarem pelo que pudessem" para "meterem dinheiros aos bolsos". É uma intriga. A Jupiter Editions investiga intrigas e quer por isso perguntar ao Instituto de Socorros a Náufragos se esta intriga é verdade ou se faz sentido ser alimentada ou se mais vale ser já aqui morta? Que se chame o sargento que chumbou o nadador-salvador Raul Catulo Morais ao Tribunal Maçónico da Jupiter Editions para o sargento voltar a mandar um tiro ao nadador, que a Jupiter Editions sente, então mais agora, que o sargento-algoritmo está ainda mais "excitado" para mandar um grande tiro ao nadador-salvador. E eu acho que queremos todos ver esse tiro. Até a Jupiter Editions quer ver esse tiro, porque a Jupiter Editions sabe lidar com os algoritmos-excitados. Porque o nadador-salvador como chumbou a segunda vez, vai voltar a fazer de novo o curso de nadador salvador e vai voltar a repetir o exame. E mais um tiro que seja mandado ao nadador-salvador, a Jupiter Editions vai ter de entrar obviamente no Jogo de Batalha Naval com a sua Marinha Invisível para mandar o tiro ao sargento. Uma Ala de Sargentos da Marinha que quer fazer uma reciclagem na Rede dos Salva-Vidas só que também há uma Ala de Fuzileiros a sério e de Salva-Vidas a sério que quer entrar com um Grande Facalhão Maçónico dentro do Instituto de Socorros a Náufragos para fazer uma Reciclagem na Rede dos Sargentos Sentados no Instituto de Socorros a Náufragos. E parece-me que o ISN não está em grande posição de não ceder às naturais exigência e alteração dos Novos Critérios das Novas Provas, porque parece-me que senão o ISN é capaz de se afogar, porque há aí novos Institutos e novas Associações que também estão com vontade de entrar no Jogo de Batalha Naval para regular o mar de forma mais séria de forma mais natural com a força do espírito da Rainha D. Amélia. São os malucos que dizem que foram invadidos com o espírito da Rainha D. Amélia.

Não faz sentido ter um surfista que é nadador-salvador há 4 anos no mar perigoso, no mar a sério ali da Costa de Leiria ter sido logo bloqueado na Prova Teórica. Um nadador-salvador que faz surf e bodyboard e que tem um corpo como deve de ser e que eu depois o vi no mar de São Pedro de Moel, por termos sido os dois desclassificados da prova. Não faz sentido um salva-vidas por causa de uma pergunta ter sido "barrado" para ir às provas das piscinas. O nadador-salvador Raul Catulo Morais fez as provas com este nadador-salvador surfista no Quartel dos Bombeiros de Leiria. Por este nadador-salvador surfista ter falhado a pergunta teórica dos Deveres Gerais e Deveres Especiais dos Nadador-Salvador não consegui a nota para passar para a prova das piscinas. Ambos percebemos que "faça sentido" uma prova teórica, um exame teórico, mas ele não pode ser determinante quando estamos a falar de uma Área de Socorro a Náufragos. Não é com a teoria que se presta o socorro. Esta prova teórica até pode "sobreviver" nas Novas Provas mas se por uma acaso um salva-vidas não consegue nota ter de ter a chance de ir a oral e ser-lhe feita a pergunta outra vez noutro português ou ser-lhe feita outra pergunta. As coisas estão mal feitas. Quem inventou as Regras do Jogo não sabe inventar regras. E portanto, tem de sair do jogo. Tem de se levantar da cadeira do ISN. E se o ISN não consegue jogar fora do barco quem tem de jogar fora no Jogo de Batalha Naval o cruzeiro do ISN é capaz de se afogar.

Envia-se em anexo ao ISN por cortesia o Novo Diário de Salva-Vidas de Raul Catulo Morais de 23 de maio de 2022 publicado no Masons Diary da Jupiter Editions

Cordialmente,
Raul Catulo Morais with Jupiter Editions

23 de maio de 2022 - Exame de Salva-Vidas – Figueira da Foz

Chumbei a última prova teórico-prática dos salva-vidas. Fiz as compressões torácicas em cima de uns dos peitos do manequim. Não fiz as compressões no meio do peito. Tive por isso zero nas compressões. O caso que me tinha saído era uma grávida que estava aflita, tinha a via aérea obstruída com comida... O algoritmo de desobstrução da via aérea é "mandar" até 5 pancadas interescapulares no meio das costas e depois das 5 pancadas se a obstrução não for resolvida, deve passar-se à Manobra de Heimlich, em que nos colocamos atrás da vítima, pomos os braços à volta ao nível da cintura e com uma das mãos fechada em punho colocamos o polegar no abdómen da vítima, um pouco acima do umbigo e aplicamos as compressões abdominais... Em princípio esta manobra vai forçar a saída do corpo estranho, porque vai causar uma elevação no diafragma e vai aumentar a pressão nas vias aéreas... Mas eu não podia fazer a Manobra de Heimlich, porque no meu caso era uma grávida e eu esqueci-me que a mulher do caso era uma grávida... Se fosse na vida real era óbvio que não iria fazer a Manobra de Heimlich... Como é lógico que não ia enfiar o meu polegar na barrigona da mulher... Mas no caso-fantasia eu esqueci-me... Acontece em exame... Tinha o "algoritmo" na minha cabeça e simplesmente segui o algoritmo. Tive por isso também zero no caso. O caso era fácil. "Era dado". Mas eu falhei!

Na vida real já mandei as pancadas a uma amiga e salvei-lhe! Tinha uma casca de tremoço presa. Foi muito rápido, foi muito automático, foi muito real. Na vida real, o salvamento é automático. Não estamos a pensar “no algoritmo”. Simplesmente salvamos. Somos automatizados. Devemos ser automatizados, devemos praticar, estar sempre a praticar, para ficarmos automáticos no salvamento. Num salvamento real não vale ir ao manual ver o que temos de fazer... Temos de fazer. Temos de agir. Temos de salvar. Mas temos de seguir o algoritmo. A ideia não é decorar o algoritmo. A ideia é instalar o algoritmo na nossa cabeça. Mas é preciso praticarmos. No curso de salva-vidas falta a prática. Sou crítico. Chumbei. Crítico o meu chumbo. Foi um chumbo estúpido. Chumbei na prova mais fácil. Passei as provas mais difíceis. Chumbei na parte mais básica. Mas culpo o sistema. O sistema é demasiado teórico. O sistema tem de ser mais prático. Falta praticarmos. A prática é tudo! No meu curso de nadador-salvador tivemos uma ou duas aulas a fazer compressões torácicas... Não faz sentido... Eu aprendi a fazer compressões no próprio exame... Porque no meu primeiro exame eu cometi o mesmo erro que cometi no último. Não estava a fazer as compressões mesmo no sítio, mesmo no meio, onde tinha de fazer... Mas os examinadores ensinaram-me em pleno exame e eu fiz bem e repeti e eles viram que afinal eu já sabia fazer. Tivemos no curso só uma aula de oxigenoterapia e nem sequer mexemos no material, que ainda são algumas peças... Ficámos só a ver a montagem... Não faz muito sentido nós não mexermos no material durante o curso, mas depois em exame termos de mexer... Tive de ir ver os vídeos ao site da Marinha para aprender a montar. Consegui montar devagarinho o sistema em pleno exame. Mas teve de ser devagarinho, porque nunca tinha montado, nunca tinha mexido nas peças... Mas por ter mexido eu aprendi. Cometi um erro. Mas aprendi. Aprendi outra vez em pleno exame. Mas enfim tudo somado deu 69 na última prova. Chumbei. Tinha de ter 75.

Sei que o sargento da Marinha teve “pena” de me chumbar. Mas ele tinha de me chumbar. Ainda pensei em perguntar-lhe se podia repetir as compressões, porque tinha percebido definitivamente o meu erro e sabia que nunca mais voltaria a cometê-lo. Era como se eu fosse um robot e dissesse “ok!!! Agora sim, eu já percebi!!!!”; “agora, sim!!! Eu já consigo fazer compressões como deve de ser... Eu afinal pensava que sabia, mas não sabia, mas agora já sei!!!! Posso fazer???”. Digo “robot”, porque foi como se eu tivesse instalado mesmo o algoritmo certo na minha cabeça. No final de eu ter feito as compressões o examinador fez como se deveria fazer e ouviu-se “um clique” e ele perguntou-me se alguma vez eu tinha ouvido “o clique” quando tinha feito as compressões. Nem foi preciso responder, sabia que tinha chumbado na hora. O algoritmo de Suporte Básico de Vida tem um grande peso. Tem mesmo de ter um grande peso. Se falharmos o algoritmo é óbvio que temos de chumbar! É lógico! Mas o mais importante é quando nós aprendemos, de facto, o algoritmo. Senti-me pela primeira vez um robot salva-vidas no exame.

Defendo que toda a gente deveria poder ter a oportunidade de aprender o algoritmo de Suporte Básico de Vida, porque é mesmo importante! Amanhã podemos ter de salvar a nossa mãe, o nosso pai, o nosso marido, a nossa mulher, um bebé... Defendo que nas escolas, nas universidades, nos trabalhos devia haver formação de Suporte Básico de Vida, mas que não fosse só uma vez na vida. Que fosse uma formação que fosse aparecendo, para que fôssemos praticando... “Tudo bem”, eu chumbei... Mas será que todos os médicos ou todos os salva-vidas que fossem de repente postos à prova, será que passariam no teste prático de vida real do algoritmo de Suporte Básico de Vida? Há

médicos que aprendem o algoritmo a dançar o Stay Alive... Dancei com eles na discoteca o Stay Alive e acabei com eles na cama a dançar o Stay Alive... Eles ensinaram-me só com gestos como aprenderam nas aulas, durante a faculdade... Mas se alguém cair de repente ao lado deles, será que todos conseguem salvar? Será que todos têm o algoritmo nas mãos? Não é na cabeça, nem na ponta da língua... É nas mãos... É ficar com o coração nas mãos... Acho por isso que seria muito importante a Polícia Marítima ou o Instituto de Socorros a Náufragos nas suas patrulhas quando vai visitar os postos de vigia dos salva-vidas, tivesse um manequim para numa roda se praticar o algoritmo de Suporte Básico de Vida com os salva-vidas... Sem ser uma fiscalização, sem ser uma avaliação... Simplesmente para praticar... Sou por isso também altamente defensor dos simulacros nas praias... Acho que todos os dias poderia haver um simulacro na praia, ou mesmo só combinado entre os salva-vidas, nem que fosse só para praticar o salvamento aquático e depois as manobras cardiorrespiratórias em Terra... Mesmo em “brincadeira divertida”, é assim que ficamos em forma e não deixa de ser um bonito espetáculo para os próprios banhistas em que tem de ser assistido por todos fora de água. É só 1 minuto. Talvez todos os dias poderia ser uma seca para muito salva-vidas que curtem mais é ficar no posto com o tele na mão e de charrito na boca. Há salva-vidas que não me curtem muito, nem curtem a minha escrita, porque eu não participo nos círculos deles. Mas é por eu estar fora dos círculos que vejo a Política, a Economia, o Direito Marítimo, o Direito Penal, o Direito Civil e o Direito Administrativo nas praias... É com a minha escrita que eu penso nos direitos deles...

Escrevi muitos direitos na praia. Mas escrevi direitos para todos. Onde estou olho para tudo à minha volta. Para a fauna, para a flora, para a geografia... Porque é isto que temos de fazer. Somos humanos. Todos conseguimos fazê-lo. Em Porto Santo ao mesmo tempo que escrevi em silêncio direitos para proteger os trabalhadores do hotel contra o próprio hotel escrevi também direitos para proteger as tarântulas. Porto Santo está mais perto das Canárias do que de Portugal. Está ali nos trópicos... Tem por isso espécies mais tropicais, mais exóticas que tem obviamente de ser protegidas. Na praia é normal aparecerem tarântulas. Elas são lindas! Como salva-vidas eu não posso permitir que alguém as mate! Não posso obviamente dar uma chapada a alguém que mate uma tarântula, senão levava eu uma “chapada” da Polícia Marítima... Mas como salva-vidas aproveito “a farda”, para chegar perto de alguém e impedir que mate a tarântula. Agarro-a com as minhas mãos e deixo-as nas dunas. A legislação é imensa e às vezes é uma grande seca... Não sei se as tarântulas de Porto Santo são ou não espécies protegidas como as focas-monges. Mas se não são deveriam ser protegidas. É claro que não comparo tarântulas às focas-monge. Há uma hierarquia das espécies. Somos mamíferos, por isso protegemos em primeiro lugar os mamíferos, que estão mais imediatamente ligados e próximos a nós. Não consigo criar nenhuma ligação sócio-afetiva com as tarântulas, tal como consigo fazê-lo com as focas-monge. Mas consigo olhar para as tarântulas e protegê-las, impedindo que banhistas histéricos as matem “por medo”. Não podemos “só por causa dos nossos medos” causar sofrimento ou dano ao ambiente. Não podemos ter medos. Temos de saber enfrentar os nossos medos, os nossos “fantasmas”, para podermos andar de forma mais real e mais conectados à Vida Inteligente. Não vejo Vida Inteligente nas tarântulas. Vejo Vida Inteligente nas abelhas e nas formigas. Mas continuo a proteger as tarântulas. Não as protejo nem as defendo como defendo as abelhas e as formigas. É claro que se alguém quiser comer uma tarântula, tudo bem. Está a matar para comer.

Certo. É uma tarântula, um aracnídeo, tudo bem. Mas não admito que alguém mate por prazer, diversão ou medo.

Vi também um pequenino secreto Parque Jurássico em Porto Santo. Ia muitas vezes a pé de casa até ao posto de vigia. Eram 6 km. Havia uma carrinha, o transfer do hotel que nos ia buscar... Mas muitas vezes eu gostava era de ir a pé pela costa toda até “à minha praia”... Às vezes ia pela praia outras vezes ia pela estrada e foi numa das vezes em que fui pela estrada que descobri um pequenino secreto Parque Jurássico em Porto Santo. Eram lagartos lindos que pareciam dinossauros em miniatura. Tinham imensas cores fixas. Tipo azulados, esverdeados, cor de laranjas... Eram lindos. Tinha um bocado de pão e deitei-lhes para cima... Vi uma guerra. Vi como eles lutavam. Autênticos dinossauros. Fiquei ali um bocadinho. Tinha horas para chegar ao posto de vigia. Já sabia onde era o Parque Jurássico. Podia voltar outro dia. E voltei. Mas quero voltar! Quero voltar a ver! Os meus olhos precisam de voltar a ver! Quero voltar a Porto Santo. Os meus olhos brilham com Porto Santo. Quero voltar a subir o pico que eu subia muitas vezes depois do trabalho para ficar a ver o anoitecer da ilha e ver as luzes todas a ligarem-se e ver dali sentado a Ilha da Madeira a aparecer a 50 km... Era capaz de ficar ali para sempre. De adormecer ali e depois acordar e descer e ir trabalhar. Era capaz de morar ali com as abelhas... Há lá uma Cultura de Abelhas... Não me importava de ficar nas mãos invisíveis do Apicultor, só para poder morar ali, só para poder ver todos os dias aquela ilha de cima. É como se eu tivesse encontrado “a minha casa”. E por ter encontrado comecei logo a ver o que faltava. E vi que faltava um cruzeiro mais rápido e elétrico que ligasse todos os dias Porto Santo ao Funchal. Ataquei por isso no meu Jogo de Batalha Naval um grande cruzeiro e alguns porta-aviões... Como as abelhas sou muito político, sou muito democrático. Acredito na democracia das abelhas, mas não na dos humanos. A nossa democracia não presta. É uma mentira. É uma ilusão. Entrego-me por isso ao Mundo Secreto das Abelhas. Ligo-me assim às abelhas e com as abelhas eu ligo-me ao Mundo.

Sinto-me programado e todos os dias reprogramado pelas abelhas. Parece que as abelhas instalaram uma Internet qualquer em mim. Mas não foi só em mim. Foi em todos nós. Mas talvez nem todos consigamos sentir a Tecnologia Natural, a Internet das Coisas Natural, a *Good-Net* das Abelhas. Nós só estamos *Online* na Vida, por causa das abelhas... São elas que nos ligam à Tomada da Terra. A minha escrita é uma escrita viciada por causa das abelhas. As abelhas introduziram-me uma cassete. Por isso passo sempre o filme das abelhas na minha escrita. Talvez seja uma Estranha Simbiose. Talvez seja uma Estranha Aliança Maçónica. Não sei. Mas sinto-a e gosto de a sentir. É como se fosse uma “proteção invisível”. Uma “estranha” proteção invisível. É giro quando estou vestido de salva-vidas e de repente sou cercado por abelhas. Como com as abelhas. Gosto de partilhar o meu alimento com as abelhas. Lembro-me quando a Melissa que estava no bar do hotel cortava-me às escondidas as fatias de ananás para o lanche eu ia logo para as dunas feito criança e lá vinham as abelhas comer comigo o ananás. Estava sentado nas dunas, mas sempre com os pés de pato atrás e com o cinto de salvamento e preparado para entrar na água e socorrer. Mas fazia isto quando não estava ninguém na água. Quando está alguém na água eu sento-me à beira-mar a vigiar de perto com os meios de salvamento. Quando está alguém na água estou sempre Super Vigilante. Mas há muitas vezes que não está ninguém na água, há “tempos mortos”. E nesses “tempos mortos” não faz mal nenhum um salva-vidas estar a mexer no telefone, ou estar a ler um livro ou estar

a escrever às escondidas um Diário de Salva-Vidas... O que tem mal é obviamente um salva-vidas estar a mexer no telefone quando estão pessoas na água!

Não tive muita sorte com o colega que me calhou na rifa no posto de vigia... Estávamos sempre a discutir, ele era mesmo muito chato para mim, enchia o posto de vigia sempre cheio de lenços ranhosos, era horrível, o posto parecia uma pocilga... Eu tinha vergonha e não podia estar sempre a apanhar a porcaria dos lixos dele, mas fui muitas vezes empregado dele... Andei muitas vezes a levar os lenços ranhosos dele para o lixo. Depois discutíamos porque ele queria que eu o ajudasse a abrir os guarda-sóis dos clientes do hotel e assobiava-me para eu ir ajudar nas camas... Mas não era o meu trabalho... Não é esse o trabalho de salva-vidas. Havia quem estava só responsável pelas camas... Foi o Instituto de Socorros a Náufragos que me ensinou a não fazer isso! ~~Eu~~ “obedeço” é ao Instituto de Socorros a Náufragos, é a quem eu devo “obediência”.

O lixo que o meu colega fazia no posto de vigia, fazia também no quarto. Não fiquei com ele, graças a Deus, no quarto... Mas as senhoras da limpeza entraram na nossa casa e viram os lenços ranhosos dele no chão do quarto e fotografaram e enviaram para o hotel e o hotel disse que enquanto o chão estivesse todo ranhoso não fazia o pagamento dos ordenados de nenhum dos salva-vidas independentemente da culpa de cada um... Ora escrevo isto hoje e rio-me. É anedótico. Mas na altura foi um “pequenino stress”... É claro que o hotel não podia não pagar ou atrasar o ordenado por causa de lenços ranhosos... Ataqueei o hotel silenciosamente através da minha escrita. O hotel “tão rico” parecia que só tinha uma carrinha transfer. A carrinha para ir buscar e levar os trabalhadores a casa e para ir buscar e ir levar os clientes ao aeroporto, ao cais do barco ou a um restaurante. Mas às vezes, depois do trabalho terminado tínhamos de esperar uma hora, porque se havia clientes para levar ou ir buscar não sei onde, às vezes só para “ir fazer um favor a um cliente”, os trabalhadores tinham de esperar cansados... Numa Internet das Coisas óbvia e automática e humana sem ter de se instalar qualquer “Internet Artificial das Coisas”, se um cliente queria ir a um restaurante e ficava a caminho da casa dos trabalhadores, iam todos na carrinha ou então o hotel que tivesse CORAGEM de dizer ao cliente que primeiro tinha de ir deixar os trabalhadores a casa... Era num instante, eram 10 minutos! Havia trabalhadores locais que tinham família... Com a família à espera... Mas estamos a falar de um hotel que nem sequer permite que os seus trabalhadores possam mergulhar à frente da praia que tem concessionada... Um hotel que acha que os seus colaboradores são meros objetos. Numa outra Internet das Coisas vejo muito fácil um Direito da Polícia Marítima a retirar o título da concessão ao hotel... Lembro--me de ver os donos do hotel sentados nas caminhas da cama “à patrões” sem sequer cumprimentarem ou darem uma palavra aos salva-vidas... Um pequeno gesto que me podia calar.

23 de maio de 2022 Raul Catulo Morais

[Masons Diary | JupiterEditions](#)

www.jupitereditions.com